

## Da tormenta sanitária: o papel da interação social de Erving Goffman na educação e nos dias atuais

### Of the sanitary storm: the role of the social interaction of Erving Goffman in education and current days

DOI:10.34117/bjdv7n2-394

Recebimento dos originais: 16/01/2021

Aceitação para publicação: 20/02/2021

#### Camile de Araujo Aguiar

Mestra em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso

Professora da Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá

E-mail:Camilearaujo2009@gmail.com

#### Eva Laura Silva Fortes de Carvalho

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso/UFMT/IE/GEPCOL

E-mail:evalaurasfortes@outlook.com

#### Leilane dos Santos Rohleder

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso/ UFMT/IE/GEPCOL

E-mail:leilanesme@gmail.com

#### RESUMO

Com este estudo apresentaremos o papel da interação social do sociólogo canadense Erving Goffman (2011), correlacionando a obra: *Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face*, com uma linguagem cada vez mais presente nos dias atuais (pandemia sanitária SARS-CoV-2)<sup>1</sup> e a Educação. Para Goffman, os rituais de interação são átimos de estudos das relações de ordem moral e social que também podem ser construídas nas escolas. Na obra, o autor se propõe a analisar noções como *regras de condutas, ritos, alma, deferência e porte*, que são eixos essenciais para a compreensão da atualidade social na ordem da interação. Os encontros “face a face” exposto por Goffman, buscam apresentar o valor que cada ator/pessoa, apresenta através da linha de interação adotada no curso do contato social particular. A opção por privilegiar esta obra se dá por construção de arrimo teórico do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Corporeidade e Ludicidade — GEPCOL.

**Palavras-chave:** Interação social, Regras, Ritos, Escola.

<sup>1</sup> SARS-CoV-2, do inglês *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*(Síndrome Respiratória Aguda Grave), é um coronavírus novo que foi identificado pela primeira vez em Wuhan, China, no final 2019, como a causa da doença por coronavírus de 2019 (COVID-19) e se espalhou por todo o mundo. Fonte: ><https://www.msmanuals.com/pt/casa/infec%C3%A7%C3%B5es/v%C3%ADrusrespirat%C3%B3rios/coronav%C3%ADrus-e-s%C3%ADndromes-respirat%C3%B3rias-agudas-covid-19,-mers-e-sars>< Acesso em Jun. de 2020.

## ABSTRACT

With this study we will present the role of social interaction by Canadian sociologist Erving Goffman (2011), correlating the work: *Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior*, with a language that is increasingly present today (SARS-CoV health pandemic) -2) and Education. For Goffman, interaction rituals are atoms of studies of moral and social relations that can also be constructed in schools. In the work, the author proposes to analyze notions such as rules of conduct, rites, soul, deference and size, which are essential axes for the understanding of current social issues in the order of interaction. The “face to face” meetings exposed by Goffman, seek to present the value that each actor / person, presents through the line of interaction adopted in the course of private social contact. The option to privilege this work is due to the construction of theoretical support of the Group of Studies and Research on Corporeality and Playfulness — GEPCOL.

**Keywords:** Social interaction, Rules, Rites, School.

## 1 INTRODUÇÃO

A priori, com este estudo, apresentaremos uma reflexão empírica sobre as interações sociais escritas pelo sociólogo de ocasiões Erving Goffman (2011), em especial a obra: *Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face*, que apresenta uma coletânea de ensaios sobre resultados de ocasiões sociológicas que permeiam em etnografias sobre “atividades interacionais temporárias”. Contudo, propõe-se analisar noções como regras, alma, ritos, deferência e o porte, esses estudos são necessários para a compreensão da trama social na ordem da interação, além da tormenta sanitária presente nos dias de hoje com a pandemia do Coronavírus.

*Ritual de Interação*, compõe uma coletânea sobre comportamento social, incluindo outras importantes obras de Erving Goffman; *A representação do eu na vida cotidiana*, *Manicômios, prisões e conventos* e *Estigma*. Obras essas que Goffman trouxe tudo aquilo que está em jogo quando as pessoas se encaram face a face, representando a nós mesmos através de nossas indagações e respostas a outras pessoas. Goffman, nasceu em 1922, no Canadá e dedicou-se à docência em diversas universidades norte-americanas, tornando-se um dos estudiosos mais citados nas Ciências Humanas e Sociais das últimas décadas.

A riqueza de suas obras situa-se em diversas linguagens de exploração que permeiam a antropologia e sociologia. Posto isto, as contribuições trazidas em seus ensaios, ressaltam esse “interacionismo simbólico<sup>2</sup>” norte americano, porém, ele mesmo

---

<sup>2</sup> Uso de símbolos que são trazidos e compartilhados a uma interpretação individual na sociedade.

contesta não a pertencer, mas, enfatizamos que seus estudos se dão pela microssociologia que privilegia o instrumento de coleta de dados e a observação do outro como ele mesmo a denomina como uma *etnografia séria* (GOFFMAN, 2011, p. 10). Este estudo, encorpado de fatos e observação, foram narradas a partir desse *status quo* vivido pelo homem e transcrito por sua lente teórica em seus ensaios. Grandes autores de envergadura socioantropológica clássica e social delinearão seus estudos, como; Émile Durkheim, Radcliffe-Brown, Max Weber, George Herbert Mead, Gregory Bateson entre outros.

## 2 AS VÁRIAS FACES DA INTERAÇÃO SOCIAL

Nos estudos de Goffman (2011), transcender as fases da vida e a interação de um indivíduo com seu próximo, determinará qual papel se quer assumir, ou seja, qual “fachada” (cara, frontispício ou perfil) com uma relevância no “valor positivo” que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma, assim que essa assume-se esse “papel” através de uma “linha<sup>3</sup>” outros poderão assumir essa ação durante um contato particular” (p. 13-14). O paralelo entre a fachada pessoal e a fachada alheia, são regras de grupos que definem/determinam quais os sentimentos que envolvem internamente juízos e evidências comunicadas entre si, como grifa que:

“Apesar de a preocupação com a fachada enfocar a atenção da pessoa na atividade em curso[...], manter a fachada nessa atividade, é levar em considerações seu lugar no mundo social além dela. Uma pessoa que consegue manter “fachada” na situação de curso é alguém que se absteve de certas ações no passado que teriam sido difíceis de encarar com coragem[...], temer perder essa fachada em parte porque agora em parte, podem tomar isto como um sinal de que não precisarão demonstrar considerações pelos seus sentimentos futuros”. GOFFMAN (2011, p. 15).

Essa incansável busca por uma “fachada” e sua relação em vista da “aprovação social” faz do homem seu próprio carcereiro (p. 18). Isto é, a liberdade em ser o que és, te prende. Contrariamente àqueles que pensam que os indivíduos agem segundo sua “natureza” ou vontade, sua personalidade ou humor, os indivíduos agem numa ordem de interação, numa situação social determinada; daí a importância de indagar-se sobre as qualidades gerais que permitem a esses indivíduos agirem de tal maneira, e indagamos.

É possível ser livre, liberando-se dos obstáculos que a sociedade nos impõe? Somos prisioneiros de uma sociedade cercada de regras e leis que nos obrigam a manter

---

<sup>3</sup> Linha pode ser figuradamente falando um conjunto de regras que se devem observar, estabelecidas para determinado fim. Pode ser usado também como norma, diretriz, orientação ou compostura.

uma fachada socialmente bem vista, a cada atitude que esteja “fora dos padrões” tanto moral ou social (ir ao lado oposto às leis cristãs), ocasionará em diversas punições e julgamentos de condutas inequívocas. A sociedade pune, mas, é praticamente impossível tornar-se um cidadão sem erros, afinal, quem nunca errou, que atire a primeira pedra! A única maneira de viver sem ser um prisioneiro dessas fachadas exigidas pela sociedade, é pelo sonho, momento único para libertar-se dos julgamentos que guardamos, segredos obscuros ou não, que podemos ser livres da pressão social. Corroboramos com Bauman (2008) que afirma em sua obra; A sociedade individualizada que:

“Tendemos a chamar de liberdade a ausência de restrições e limites obstrusivos e insidiosos. A maioria de nós, residentes do mundo moderno tardio ou pós-moderno, é, nesse sentido, livre de uma maneira que nossos ancestrais só podiam sonhar. E eles sonhavam; o desaparecimento milagroso de normas e limites era uma visão sedutora quando a vida era vivida com um temor diário de transgressão”. BAUMAN (2008, p. 60).

Seguir uma aceitação mútua de “linhas” como grifamos anteriormente, causa um importante efeito quando apresentamos um padrão inicial de conduta que outras pessoas a constroem observando cada movimento, dia a noite, punindo sem demora quem saísse da linha. Se alterar essa conduta radicalmente, ou se a linha se tornar desacreditada, o resultado é a confusão, pois os que a integram, estarão preparados e comprometidos com ações que não são mais apropriadas (p. 19). Seria como se você tivesse mudado as regras do jogo, sem aviso prévio.

Essa trama dramática social apresentada no decorrer da obra, muito se assemelha à teoria das representações coletivas do sociólogo francês Émile Durkheim<sup>4</sup> que diferencia-se o pensamento crítico na ciência que Goffman também se debruçou para compor o segundo ensaio intitulado “A natureza da deferência e do porte”. Nele o autor utiliza a influência de Durkheim e Radcliffe-Brown<sup>5</sup> sobre o significado simbólico de qualquer prática social dada à integridade e solidariedade de um grupo. Neste trecho, a crítica se dá pela negligência que antropólogos e sociólogos se desfazem das formas elementares da vida. O que Goffman buscou fazer aqui foi traduzir as noções

<sup>4</sup> Durkheim foi um sociólogo que estudou quatro assuntos: a religião, o estado, suicídio e a sociedade.

<sup>5</sup> Radcliffe-Brown sofreu a influência das teorias sociológicas de Durkheim antes da I Guerra Mundial, e os anos produtivos de sua carreira foram dedicados à aplicação dessas teorias descobertas dos etnógrafos; uma atividade que ele compartilhou durante a maior parte de sua vida com Mauss, sobrinho de Durkheim. REDCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald, **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis, Vozes, 1973, p. 52.

Durkheimianas quanto à religião primitiva que estão ligadas à afetos, natureza, ambiente, onde todas essas religiões têm forte ligação, podendo ser traduzidas para conceitos de deferência e porte, que nos ajudam a compreender alguns aspectos da vida urbana (p. 94).

### 3 O PAPEL DA INTERAÇÃO SOCIAL NA CULTURA

Sendo o epicentro da sociedade, parafraseando o historiador inglês Simon Goldhill (2007), falar de cultura é falar “grego”. Afinal, cultura e a interação social caminham juntas. Caracterizar cultura etimologicamente falando, é, descrever os hábitos, crenças e conhecimentos que estão em extensão ao meio social. Nos debruçamos no arrimo teórico do antropólogo interculturalista social, Edward Hall (2005), (1959) para definir cultura social como um sinônimo de nação/país que divide pessoas em grupos, de acordo com suas características culturais, que podem ser semelhantes ou não à outras pessoas.

Segundo Hall, cultura é simplesmente uma forma de compor uma programação mental coletiva que distinguem grupos, sejam elas tribos ou uma categoria de pessoas que controlam o comportamento do outro em algumas vezes de forma inconsciente e fora do controle do indivíduo, como cita que o ser humano como sendo um organismo com um passado maravilhoso que:

[...] se distingue dos outros animais graças ao fato de ter criado o que chamei de *extensões* de seu organismo [...] o homem sofisticou suas extensões a um ponto tal, que somos propensos a esquecer que sua humanidade está enraizada em sua natureza animal [...]. HALL (2005, p. 4).

Dialogando com Hall (2005), Goffman que também explora alguns sentidos em que a pessoa recebe a um tipo de ato religioso simbólico, apresentam, dois termos antropológicos comuns que apoiam a “deferência”, com uma atitude de respeito, consideração, afeto, admiração sem perder a hierarquia e “porte”, como uma maneira de comportar-se, apresentar-se ao outro (p. 51). Essa conduta imposta seria exercida sem que o indivíduo a fizesse por livre e espontânea vontade. Essas regras devem ser cumpridas como uma ação neutra, e quando se ocasiona ao erro se dá o devido valor para segui-las espontaneamente.

É válido ressaltar as regras simétricas e assimétricas trazidas por Goffman para lidar com regras de conduta, são convenientes para distinguir duas classes como: “simétrica” no sentido de levar o indivíduo a ter obrigações e expectativas com o outro.

(Uso da máscara em pandemia viral, eu protejo você e você me protege). E “assimétrica”, quando prevalece o “modo” de tratamento que a pessoa deseja ser tratada, isto é, ninguém pode adivinhar se a pessoa vai gostar ou entender a sua conduta (p. 58). Logo mais, falaremos sobre o assunto.

Partindo dos conceitos que se referem aos comportamentos corporais, um ator tem certas qualidades desejáveis ou indesejáveis, Goffman faz uma rica análise dos rituais que cercam a vida cotidiana, sobretudo aqueles constituídos em momentos de encontros face a face. Dois tipos de deferência foram bem ilustradas no texto: rituais de apresentação, que através dos quais o ator representa concretamente sua apreciação pelo receptor; e rituais de evitação, assumindo a forma de proscricções, proibições e tabus, que implicam em atos que o ator deve se abster de realizar se não quiser burlar o direito do receptor de mantê-lo à distância (p. 74).

Resumindo, o autor faz a ligação das regras de conduta que — ator e receptor — estabelecem laços diante da sociedade. A sociedade moderna põe os transgressores da ordem cerimonial num único lugar, junto com alguns membros comuns da sociedade que ganham a vida lá. Noções durkeimianas citadas na obra sobre a religião primitiva, podem ser traduzidas para conceitos de deferência e porte, e que esses conceitos nos ajudam a compreender alguns aspectos da vida urbana (p. 94).

#### **4 COMO DEFINIR O HOMO SELF NOS PAPÉIS QUE SERVEM A QUALQUER UM?**

Para sintetizar os papéis sociais e sua serventia, nos apoiaremos no Terceiro Capítulo “Constrangimento e organização social”, que apresenta os tipos de relações que podem ocorrer na presença real ou imaginária de outras pessoas. Mas, acima de tudo, o constrangimento tendo a ver com a figura que o indivíduo representa em diversos momentos. O Discurso do Capítulo foi organizado fazendo-nos perceber sua aptidão analítica quando revela situações que, para pesquisadores desatentos, seriam imperceptíveis.

A análise permite que nós nos identifiquemos no texto, já que, num momento ou noutro, todos nós podemos passar por situações de constrangimento, sejam ligadas ao nosso eu (self), ou mesmo assistindo aos apuros de outras pessoas. O autor cita no decorrer do texto o “constrangimento abrupto/repentino”, como sendo cada vez mais

intenso quando estamos desconfortáveis. A interação face a face em qualquer cultura necessita de capacidades que o alvoroço parece certamente destruir (p. 99).

“O prazer ou desprazer que um encontro social gera para um indivíduo, e a afeição ou hostilidade que ele sente pelos participantes, podem ter mais do que uma relação com sua compostura ou falta dela. Elogios, aclamações e recompensas repentinas podem colocar o receptor num estado de confusão alegre, enquanto uma discussão acalorada pode ser provocada e mantida com o indivíduo sentindo-se composto e em controle total de si o tempo todo”. GOFFMAN (2011, p. 99).

O constrangimento não é um impulso irracional destruidor do comportamento prescrito socialmente, mas sim, parte desse próprio comportamento ordenado. Tudo isto reduz a seriedade do conflito ao negar a realidade da situação. É natural, então, encontrarmos o constrangimento junto com piadas, tiradas de sarro que deslocam a pessoa do momento presenciado, pois, ambos ajudam a negar a mesma realidade. O constrangimento tem a ver com as expectativas não realizadas, sendo assim, as expectativas relevantes para o constrangimento são morais, não surgindo de uma ruptura de qualquer expectativa (p. 102).

Objetivar-se-á nas sábias palavras de Sigmund Freud, quando observou a satisfação das necessidades quando o homem “civilizado” faz, na troca de suas possibilidades de felicidades por uma porção de segurança. Supomos que a *felicidade*, significa *liberdade*: liberdade de assumir uma conduta, e agir conforme seus próprios instintos, desejos, sem ter restrição, limitações por uma simples questão de segurança. (FREUD 1972, p. 13).

A maioria de nós, (como supomos) gostaríamos de ter o equilíbrio perfeito entre a liberdade e a segurança, liberdade de ir e vir, e segurança abrangendo todas as situações possíveis que possam intervir nessa liberdade. Momentos delicados que hoje passamos, é que devemos pensar no nosso bem-estar tanto na saúde, na interação social no prazer de estar próximo do seu próximo, que nos faz tomar cuidados em respeitar essa liberdade, que hoje requer cuidados para um futuro não muito distante, com a chegada da pandemia do Sars-Cov-2, aprendemos que somos tudo e ao mesmo tempo nada, mas esse *nada* não no sentido da existência, mas, no sentido de que precisamos uns dos outros para controlar o desconhecido, a falta de conhecimento sobre o novo vírus, causou na população mundial medidas severas na interação social, no contato face a face, romper um toque, um abraço, um olhar mais próximo, nos mostrou a importância de resguardar a liberdade, para cuidar



do próximo, enfim, ainda virão muitos acontecimentos para nos barrar, frear a rapidez e ao mesmo esse distanciamento social que a tecnologia nos trouxe.

Em tempos pandêmicos, a leitura da obra *Amor, sexo e tragédia* do historiador inglês Simon Goldhill (2007), nos trouxe indagações que fizeram repensar, “Quem você pensa que é? Há onde você pensa que vai? O que você acha que deve acontecer? O que você quer fazer? De onde você pensa que vem? Segundo Goldhill (2007);

“As imagens e a linguagem que inundavam as mentes das gerações passadas precisam hoje ser trazidas por guias e manuais. Uma pintura de um mito clássico precisa ser explicada com legendas nos museus, e qualquer referência clássica em um poema exige uma nota de rodapé”. GOLDHILL (2007, p. 8).

Ao citarmos os princípios básicos da obra, e pensar nas sábias palavras de Cícero<sup>6</sup>, Goldhill (2007, p. 9) que “Se você não sabe de onde vêm, você será sempre uma criança”, ressoa como um diálogo com a interação nos estudos de Goffman, que nós não somos inocentes no êxtase de desconhecer sua origem, mas, afirma que o indivíduo passará sua vida desprovido de poder, de autoridade sobre si, e será incapaz de atuar no mundo corretamente diante da sociedade. E ao citarmos à criança, punimos a nós adultos, como sendo incapacitados de tomar posturas, atitudes e conhecimentos que possa se tornar numa ameaça sem a devida aprovação social, sendo assim, é necessário conhecer o que se passa, e ao ignorar a própria procedência seria equivalente a uma sentença de morte.

Em “A alienação da interação” Goffman, elucida e se assemelha no pensamento de Goldhill (2007) que na sociedade, ocorrem encontros sociais de conversação de protótipo conversacional, que compartilha da exigência da interação espontânea dos integrantes num foco principal de atenção. Podendo ocorrer formas impensadas, impulsivas e por que não dizer desconfortáveis na conversação causando esquecimentos involuntários, ou seja, como deixar de lado as novas exigências de porte diante da atual situação sanitária mundial.

Essa “alienação”, que se designa a indivíduos que estão alheios a si próprios, e apresentam formas pelas quais essa “alienação” se dá diante da interação com outro, se despreocupando com as medidas de cuidados consigo e com o outro tornando-se então,

---

<sup>6</sup> Marco Túlio Cícero (107 a.C. - 43 a.C.) foi um importante filósofo, escritor, advogado e político romano. Foi considerado um dos maiores oradores da Roma antiga. Morreu na província de Formia, Itália, no dia 7 de dezembro do ano 43 a.C. Disponível >[https://www.ebiografia.com/marco\\_tulio\\_cicero/](https://www.ebiografia.com/marco_tulio_cicero/)< acesso em jul. 2020.



uma interação necessária à vida como destacamos no texto um trecho que muito se reflete na atualidade sanitária mundial:

“O envolvimento conjunto espontâneo como um ponto de referência que discute como esse envolvimento pode não conseguir ocorrer e a consequência desse fracasso. Eu quero tratar das formas pelas quais o indivíduo pode se alienar de um encontro conversacional, o desconforto que surge disto, e a consequência dessa alienação e desse desconforto para a interação. Como a alienação pode ocorrer em relação a qualquer conversa imaginável, talvez possamos aprender com ela algo sobre as propriedades genéricas da interação falada.”. GOFFMAN (2011, p. 111).

Em nossa sociedade prevalece o sistema de etiqueta que direciona como lidar com os acontecimentos de forma conveniente, projetando através deles uma imagem de si correta, um respeito apropriado e uma consideração adequada pelo ambiente. Contudo, quando o indivíduo quebra uma regra de etiqueta, intencionalmente ou não, os outros presentes podem se mobilizar para restaurar a ordem cerimonial, de forma parecida com aquela utilizada quando outros tipos de ordem social são violados (esquecer de usar os tapumes atuais “máscaras”).

Há muitas ocasiões em que o indivíduo que participa de uma conversação, descobre que ele e os outros estão presos juntos através de obrigações de envolvimento em relação ao outro. (p. 112) O indivíduo terá razões aprovadas e não aprovadas para cumprir sua obrigação enquanto participante da interação, mas em todos os casos, para fazê-lo, ele precisa ser capaz, rápido e delicadamente assumir o papel dos outros ao sentir as qualificações que a situação “deles” deve trazer a sua própria conduta para que eles não sejam atrapalhados por ela.

Tratar do envolvimento obrigatório, e as formas de alienação, constituirão um desvio de comportamento chamado por Goffman de “envolvimento errôneo”, como preocupação externa por desviar o foco principal em algo que não está ligado aquilo que está sendo discutido no momento. Ressaltamos a forma interessante de como a consciência dos outros pode ser encontrada no fenômeno de “envolvimento exagerado” que Goffman cita que: “a animação exagerada de uma pessoa é a alienação da outra” (p. 119), (é muito fácil entender, porque toda vez que que você se conecta com o espírito da sociedade pós-moderna, os “eus” *algoritimizados*, não se ligam no outro — essa é a nova revolução). Não é a conversação real e sim a situação mais ampla gerada pelo ridículo que, o pensamento sobre as regras de comportamento social, ditos “corretos” que se forem seguidas com afinco, a interação pode se tornar, sem firmeza, improdutivo e chata.

## 5 A INTERAÇÃO SOCIAL NA EDUCAÇÃO

Definir como se dá a Interação Social com a Educação não é algo fácil de desvendar. Trazemos aqui o papel que a sociedade exerce diante da escola quanto comunidade, e enfatizamos que se as pessoas assumirem seu papel em relação ao outro, e respeitarem a “fachada”, e assumirem o que há de melhor em si, nas organizações políticas, na sala de aula, nas organizações escolares, respeitando as pessoas e os códigos sociais, haverá uma educação melhor. Se cada um entender o seu devido papel na sociedade, compreenderá que a educação só existe para que haja um futuro para nossas crianças, só assim iremos compreender que a educação fará bem para todos.

No Último Capítulo, “Onde a ação está”, é apresentado o foco principal como a organização social lida como o indivíduo na sua capacidade de ponderar os possíveis riscos que possa se envolver caso não faça a opção pela “ação” correta. O autor enfatiza que a ação será definida analiticamente para descobrir onde ela pode ser encontrada. A palavra “decisividade”, é tomada no capítulo como processo que colabora nos momentos de tomada de decisão do indivíduo diante de situações de risco para si, riscos que os indivíduos tomam para si em fazer apostas e confiar na “sorte” durante a vida cotidiana (p. 148).

Goffman faz uso do neologismo “decisividade” como significado de algo que precisa ser decidido, mas, algo de caráter decisivo para a vida do indivíduo, algo que influenciará no seu destino (p. 154). Porém, esses momentos “desperdiçados”, então, são inconsequentes. Eles são limitados e isolados. O autor também afirma que o indivíduo está sempre em algum tipo de “perigo” devido às ligações que vem de fora em eventos, à vulnerabilidade de seu corpo, e à necessidade de manter as propriedades em situações sociais.

“As crianças não são consideradas capazes de ignorar essas oportunidades fáceis (e de qualquer forma elas não são desenvolvidas o bastante para aproveitá-las totalmente) e são coagidas fisicamente para não cometerem travessuras. O desenvolvimento pessoal é o processo pelo qual o indivíduo aprende a ignorar essas oportunidades voluntariamente, mesmo enquanto sua capacidade de destruir o mundo imediatamente ao seu redor aumenta”.  
GOFFMAN (2011, p. 162).

Em última análise, elas estão em busca de oportunidades em que há um aumento de chances de se arriscar, ou seja, onde os riscos de decisividade são fortes. Às vezes a necessidade é transformada em virtude. Isto é outro ajuste defensivo à decisividade (p.

173). Só nos resta saber se voltaremos a ter uma rotina escolar como a de antes, e se a educação será finalmente reconhecida quanto à sua importância.

## 6 PALAVRAS DERRADEIRAS

Em tese, a Sociologia Goffmiana demonstra que a visão tradicional do homem é otimista, principalmente quando você faz com que a “besta” deseje objetivos delineados socialmente sob as circunstâncias do “interesse próprio”. Entre as regras citadas no decorrer da obra, são importantes as “propriedades situacionais”, ou seja, padrões de conduta através de que a cuja manutenção significa que ela expressa respeito pela situação atual (p. 245).

Retomamos que todas as interações analisadas pelo autor, foram vistas por meio de análise etnográfica, esse estudo do outro, do próximo, nos faz lembrar da importância de olhar, ouvir e analisar o que se passa. Goffman pressupôs inicialmente que o estudo apropriado da interação não é o indivíduo e sua psicologia, e sim as relações que combinam entre os atos de pessoas diferentes mutuamente presentes umas às outras. Goffman expôs com clareza, e um fino senso de ironia, várias noções que temos sobre nós mesmos e sobre os outros ao nosso redor, mas que normalmente seríamos incapazes de enunciar, ou mesmo de perceber conscientemente.

Apesar de a obra ter sido escrita há muito tempo atrás, muito se assemelha a nossa vivência atual, a pandemia viral ainda é uma novidade, diga-se de passagem, não muito boa, muitas vidas já se foram, a educação parou, e só nos resta a incerteza do futuro, será que aprendemos a lição, ou precisaremos mais pandemias para nos mostrar quão é importante a interação com o próximo, nossas crianças, idosos e pessoas com saúde vulnerável sofreram muito com essa falta do tocar, de interagir, apesar de estarmos num século moderno carregado de aparatos tecnológicos que nos ajudam a ter uma interação virtual, o ritual diário de interação social nos fere profundamente.

*“O estudo do equilibrista é válido porque todos nós, de vez em quando, estamos na corda bamba”. GOFFMAN (2011).*

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**: tradução José Gradei. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.

FREUD, Sigmund. **Civilization and its Discontents**, James Strachey (org.), trad. Joan Riviere (Londres: Hogarth Press, 1973), p.13, 14, 30, 33, 52.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre os comportamentos face a face**. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GOLDHILL, Simon. **Amor, sexo e tragédia**: como os gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje. Rio de Janeiro Zahar, 2007.

HALL, Edward T. **A dimensão oculta**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.